

Ideias para adiar o fim do sonho (e do sonhar): aspectos da vida onírica para Ailton Krenak

Ideas to postpone the end of dreams (and dreams): aspects of
dream life for Ailton Krenak

Rômulo Rossy Leal Carvalho
Mestrando em Antropologia Social
Universidade de São Paulo (USP)
lromulorossy@gmail.com

Recebido: 18/04/2023

Aprovado: 09/04/2024

Resumo: O texto tem como proposta visitar o modo como é abordado o tema do sonho e do sonhar para o pensador e ambientalista indígena Ailton Alves Lacerda Krenak. Como base teórica, dialogamos com Karen Shihatori (2022), João Jackson Bezerra Viana (2016), Hanna Limulja (2019) e o próprio Krenak (2019; 2020), em um cruzamento com reflexões tecidas por Sidarta Ribeiro (2019) Sigmund Freud (2019 [1900]) e Tobie Nathan (2011). Em termos de metodologia, empregamos uma revisão bibliográfica, corroborando com a relevância de “adiar o fim dos sonhos” — ameríndios —, a propósito de como pensa Krenak, expandindo o saber sobre sonhos para outros espaços fora das universidades (SANTOS, 2014) em contraposição a uma ou mais existências alicerçadas no modo de ser/pensar/sonhar delineados pelo capitalismo e colonialismo ocidentais.

Palavras-chave: Sonho; Sonhar; Etnologia Ameríndia; Ailton Krenak.

Abstract: The purpose of this text is to visit the way in which the theme of dreaming and dreaming is approached by the indigenous philosopher and environmentalist Ailton Alves Lacerda Krenak. As a theoretical basis, we dialogue with Karen Shihatori (2022), João Jackson Bezerra Viana (2016), Hanna Limulja (2019) and Krenak himself (2019; 2020), in an intersection with reflections woven by Sidarta Ribeiro (2019) Sigmund Freud (2019) and Tobie Nathan (2011). In terms of methodology, we used a bibliographical review, corroborating the relevance of “postponing the end of dreams” — Amerindians —, regarding how Krenak thinks, expanding knowledge about dreams to other spaces outside universities (SANTOS, 2014) in opposition to one or more existences based on the way of being/thinking/dreaming outlined by western capitalism and colonialism.

Keywords: Dream; To dream; Amerindian Ethnology; Ailton Krenak.

Eu sonho, tu sonhas, nós sonhamos: uma introdução

O sonho e, por extensão, o sonhar se constituem como um sugestivo e privilegiado campo de estudos no âmago da etnologia indígena.²⁵⁰ Escarafunchar as nuances, os significantes e significados que permeiam as relações entre seres humanos ou não — além do que é possível encontrar como humano sem necessariamente dizer respeito ao homem —, no que tange à vida onírica, justapõe pontos de investigação que não mais se reduzem à medicina, especialmente à psiquiatria ou psicologia, como fizera Sigmund Freud (2019 [1900]), mas que hoje assumem um lugar nas pesquisas de estudiosos que prezam, na antropologia principalmente, por reconhecer tanto a vitalidade do sonho como a singularidade do sonhar na delineação de prenúncios, mitos, políticas relacionais, economia, religião, afirmação e reelaboração de mundos — um universo que passa a conferir sentido a comunidades ameríndias, tais como os Yanomami, os Krenak, os Mbya, dentre outros, a título de exemplo.

Ailton Alves Lacerda Krenak defende a tese de que “é preciso sonhar para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019), o que se concatena à vida, com vicejante relevância, de acordo com Bárbara Glowszchewski (2015), do povo Warlpiri, para o qual não há mundo sem o sonhar — tratado, por sua vez, como a razão da existência deste mesmo. Logo, o sonho não é só mais uma instância da vida, mas ajuda intensamente a personificá-la. O sonho como vida: é com esta proposta, sob a ótica da etnologia ameríndia, que pretendemos dialogar.

Para compreendermos o intuito desse texto, algumas observações prévias são importantes, que explicamos nessa introdução. A abordagem sobre o sonho, no âmago dos estudos de etnologia ameríndia, difere dos resultados das primeiras análises empreendidas por Sigmund Freud, que primavam pela perspectiva de o sonho significar prontamente o abalizamento de um desejo — um termo latente quando refletidas as interpretações que o médico vienense realizou e que foram publicadas, originalmente, em 1900.

O neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro, na obra *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (2019), em bate-papo organizado pela editora Companhia das Letras, na sétima mesa, em 24 de junho de 2020, com mediação da jornalista Carol Pires, também explica o sonho a partir de um prisma não ameríndio, mas histórico e neurológico.

²⁵⁰ Vide, a título de exemplo, SHIRATORI, Karen. 2013. **O acontecimento onírico ameríndio**. O tempo desarticulado e as verdades possíveis. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGAS-Museu Nacional.

Ribeiro abre a sessão do bate-papo supracitado explicando as razões pelas quais escreveu *O oráculo da noite* e que importa mencionar aqui: em suma, o autor faz uma linha cronológica/histórica dos sonhos de até trezentos e cinquenta mil anos atrás até os últimos séculos; depois, trata do sonho como efeito de dopamina; e em um terceiro momento, o neurocientista comenta a mudança que ele defende ter havido com a invenção da luz elétrica e desta mesma ter invadido a noite e ajudado a modificar o sonhar.

Nesse sentido, e já situando, da nossa parte, um contraponto fundamental entre os pensamentos ameríndios, freudianos e de Sidarta Ribeiro, reconhecemos, tal como o pensador yanomami Davi Kopenawa, que “os brancos só sonham consigo mesmo”.²⁵¹ As análises de Freud, particularmente, têm, portanto, a ver com um olhar sobre o sonho como sendo ele um resultado de um desejo que funciona como uma espécie de força motriz que tem a ver principalmente com a vigília e que, conseqüentemente, é efusivo no manifesto, cuja interpretação depende do que for feito com o latente.

Atentemo-nos para o fato de que a produção intelectual de Freud é ocidental e tem suas particularidades afins ao Ocidente. Existem, portanto, contrastes entre os pontos de vista que aqui são analisados sobre o sonho e o sonhar, especialmente pelas dissonâncias no medeio dos termos natureza e cultura para os ocidentais assim como para os ameríndios.

Entre os Krenak e os Yanomami — mundos ameríndios, portanto —, o sonho e o sonhar são admitidos como elementares à vida da comunidade. Guardadas as particularidades que cada povo tem, os sonhos são partilhados, são contados, e, no caso dos Wai’a Rini²⁵², até são precedidos pelo performar de cantos e danças que auxiliam na definição da ordem social do grupo. Além disso, deve-se reconhecer a relevância do horário, da ocasião, da preparação para o que o sonho irá revelar e que, por sua vez, será responsável por alterações políticas e até mitológicas no seio da comunidade.

Seguindo esse viés, é interessante, a nosso ver, a ideia de Ribeiro (2019) em dizer, a partir de um olhar histórico e neurológico, que, muito antes dos efeitos dos sonhos nos humanos (ele cita mamíferos irracionais), há reverberação de aspectos do passado no sonho de forma probabilística, ou seja, nem tudo que se sonha poderá acontecer, mas todo sonhar, de alguma forma, irá afetar o futuro

²⁵¹ Vide: ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

²⁵² Ver: TSEREHAWU, Divino. **Wai’a Rini**: o poder do sonho. Vídeo nas Aldeias (2001).

do sonhador, ou melhor, o curso da vida futura. O sonho não existe sem fundamento e não está ligado essencialmente ao passado.

Nesse artigo, endereçamos uma análise em torno — à guisa da proposta do título “Ideias para adiar o fim do sonho (e do sonhar)” — da forma como o tema do sonho aparece e é apreendido por Ailton Krenak, cômicos dos limites que comprimem um ensaio. O texto discorre, em um primeiro momento, sobre a forma como Ailton Krenak pensa o sonho e o sonhar; em seguida, em impressões críticas pautadas na antropologia, a onirocrítica ameríndia e, por fim, suas conexões interdisciplinares com aspectos da história social, psicanálise freudiana e a chamada etnopsiquiatria de Tobie Nathan.

Acreditamos que adiar o fim do sonho em tempos que insistem em tornar nossas vidas não úteis, como lembra Krenak (2020), sonhar é um ato político de resistência. E um resistir capitaneado, de diversas formas, por povos muitas vezes relegados à condição de domesticáveis e/ou de culturas não formativas às nações brasileiras — que ainda estão por ser formadas, segundo Ailton Krenak.²⁵³

Autoras e autores indígenas e não indígenas, dentre os quais mencionamos o próprio Ailton Krenak, Hanna Limulja, Karen Shihatori, Tobie Nathan, João Vianna, Sidarta Ribeiro servirão como base teórica para pensar a multiplicidade que envolvem características condizentes a uma apuração sobre sonho e sonhar em comunidades ameríndias, especialmente a do povo Krenak, na pessoa de Ailton.

A postura metodológica assumida será a de uma revisão bibliográfica comentada pela nossa parte, em tempo que alimentamos o texto — com vistas a não nos desalinarmos da proposta de “adiar o fim do sonho e do sonhar” — com reflexões pensadas pelo ambientalista Ailton Krenak nascido no Vale do Rio Doce, Minas Gerais, um expoente da crença na vitalidade do sonho.

²⁵³ Assim entendemos a partir de uma fala do ambientalista que será abordada nesse texto a respeito da necessidade de um novo pacto pelo Brasil, no que concerne ao diálogo com os brancos: “Depois, pensamos: ‘Eles não são todos iguais [os brancos]. Eles têm diferenças muito grandes entre eles mesmos. Eles precisam ver e entender essas diferenças Para a partir delas poder construir alguma coisa juntos!’. E aí nós começamos a conversar com as pessoas, preservando essa diferença e fazendo um esforço muito grande de aproximação” (KRENAK apud BUCCI; FREIRE, 1989).

“Sempre poder contar mais uma história”: a cosmologia e vitalidade do sonho para Ailton Krenak

Sempre fomos capazes de observar uma diferença entre a experiência desperta e o mundo dos sonhos, então decerto conseguimos trazer para a vigília histórias desse outro mundo (KRENAK, 2020, p. 19).

São muitas as histórias dos sonhos, e não há uma preponderância de uma sobre a outra — pelo menos não é essa a intenção do neurocientista Sidarta Ribeiro, em sua obra *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (2019).

O intelectual Ailton Krenak, na entrevista com Sidarta Ribeiro, que data de 24 de junho de 2020²⁵⁴, alude à Antiguidade e evoca o sonho como uma instituição onde são admitidos sonhadores. Nesse mesmo bate-papo, Krenak retoma questões discutidas por ele há anos e que embasa muitas de suas falas, dentre as quais comentamos, a seguir, a de uma entrevista que ele concedeu em 1989.

Ou seja, se é vital sonhar, aprender ou reaprender com os antigos ameríndios, a agenda do intelectual vem chancelando e convocando outros pensadores, de outras áreas do conhecimento, a acreditar na vida, e não sucumbir, conseqüentemente, à sobrevida — que muito se aparelha à lógica do capital e da técnica, e onde o tempo passa a não mais ser uma oportunidade de fruição de vivências, mas de sobrevivências, e estas sendo céleres.

A entrevista sobre a qual nos referimos foi publicada em seis de julho de 1989, contando com ele, Krenak, à época presidente da União das Nações Indígenas (UNI), e que havia, de certo modo, se popularizado pelo discurso em defesa das terras e direitos indígenas na Assembleia Nacional Constituinte em quatro de setembro de 1987.²⁵⁵

A despeito de outros tantos temas importantes, como demarcação de terras, futuro do planeta, preocupação de ordem ecológica, Krenak, falando a Alípio Freire e Eugênio Bucci, descerrou a impressão acerca do sonho para o povo Krenak.

Segundo os entrevistadores, nas palavras da liderança indígena: “(...) eu não interpreto sonhos, eu recebo sonhos”. E ainda: “(...) diz o índio para quem os sonhos não carecem ser ‘decifrados’, não

²⁵⁴ Vide: Debate entre Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro: “Sonhos para adiar o fim do mundo”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw&ab_channel=Companhiada

²⁵⁵ Vide: CARVALHO, Rômulo Rossy Leal; SILVA, Rafael Ricarte da. Um quase eterno reencontro: Ailton Krenak e a Assembleia Nacional Constituinte (1987). In: **Espacialidades**, v. 15, p. 227-245, 2019.

precisam passar por leituras que a razão da modernidade precisou de tanta ciência para estruturar” (BUCCI; FREIRE, 1989).

Aqui fica categórica a tese de que importa, ao ver de Krenak, o que sonho faz, pelo que é responsável, e não sumariamente a expressão de um desejo pretérito — alvo basilar do que pensava Sigmund Freud. Guardemos essa reflexão de relevo para seara da onirocrítica ameríndia: importa o que sonho faz, não o que ele é. E esse sonho está na natureza; precisa-se se aprontar para captá-lo e o que é medular: a natureza está nas células dos Krenak (KRENAK, 2020).

A antropóloga Hanna Limulja (2019, p. 29) comenta como o sonho atuou na prefiguração do também intelectual Davi Kopenawa Yanomami como xamã: “Naquela época [ainda jovem] Kopenawa não entendia aquilo que via em seus sonhos e sentia muito medo (...) quando se tornou xamã e provou o pó da *yãkoana*, que pôde compreender: os *xapiri pë* desejavam que ele se tornasse xamã”.

Mesmo Krenak não sendo xamã, como ele mesmo explica, o sonho não deixa de se postar como um elemento essencial da definição de papéis ao povo da caça, como o são os Krenak, os Xavante, os Krahô, Kaiapó, que pertencem ao povo *Jê* (KRENAK, 2020, p. 21).

Segundo esse viés, no sonho, para Krenak, dois tempos coexistem, uma vez que o tempo do sonho é outro. Segundo o pensador: “O sonho é o instante em que nós estamos conversando e ouvindo os nossos motivos, os nossos sábios, que não transitam aqui nesta realidade. E um instante de conhecimento que não coexiste com este tempo aqui” (KRENAK, 1989, p. 20).

Além de o tempo ser outro, os seres que comunicam o sonho também não pertencem a essa dimensão. Vê-se aqui que, em se tratando de um comunicado de uma outra dimensão, uma relação pontual entre a forma como Krenak absorve o sonho e a maneira como Davi Kopenawa também foi capaz de absorver o sonho (mas para ser xamã) — a revelação dos *xapiri pë*.

Na entrevista a Bucci e Freire, quando indagado sobre de que forma o sonho esteve presente em sua vida, Krenak declara que a vida onírica faz parte da sua existência desde seu nascimento. A explicação, ou melhor, comparação, que o autor pincela entre o sonho e o rio ilustra sua posição:

Tenho o compromisso de manter o leito do sonho preservado para os meus netos. E os meus netos terão que fazer isso para as gerações futuras. Isso é a memória da criação do mundo. Então, não decifro sonhos. Eu recebo sonhos. O leito de um rio não decifra a água, ele recebe a água do rio. Existe uma fronteira que eu procuro não romper, uma fronteira cultural (KRENAK apud BUCCI; FREIRE, 1989, p. 25).

Como fica inequívoco, a presença da vida, para além do corpo físico, aos moldes ocidentais e ocidentalizados, ganha outras roupagens quando vislumbrada pelo olhar de um indígena, nesse caso Krenak.

Por isso, não é motivo de estranheza conversar com uma árvore, com um animal, mesmo ele não se declarando um xamã (KRENAK, 2017). E é em torno disso sua crítica à ideia de criação de uma humanidade (brancos) e uma sub-humanidade (onde se incluem tudo que não seria afeito aos brancos, inclusive as chamadas minorias, ou melhor, no entender de Lilia Schwarcz, “maiorias minorizadas”²⁵⁶), tema que abre a discussão de um de seus livros, “A vida não é útil” (2020).

E é para um capítulo em específico desta obra que passamos a nos debruçar e que conflui com a proposta geral deste texto: a de adiar o fim do sonho (e do sonhar). Depois de trinta e um anos da entrevista que comentamos acima, Krenak ainda continuou e continua acreditando no parâmetro acontecimental e imprescritível do sonho.

Em “Sonhos para adiar o fim do mundo” (2020), o indígena nascido na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, “institui” uma proposta de deixarmos-nos enxergar pela outridade, pelo olhar do outro — postura que tem a ver com o perspectivismo ameríndio para Eduardo Viveiros de Castro, na medida que os outros seres vivos assumem uma “humanidade”.

Não é à toa, pois, que a ideia de “sonhos para adiar o fim do mundo” se concatena tão bem à ideia de sempre “poder contar mais uma história”. Krenak conta, no capítulo “Sonhos para adiar o fim do mundo”, sua experiência em terras no Acre, em Rondônia, quando ainda, segundo ele, era espectador, e onde era bastante clara a noção de invasão, não apenas circunstancial e territorial, mas da possibilidade de manter vivos os sonhos, que davam sentido e enriqueciam a existência.

Há um elo, se observarmos, com o que ele, Krenak, disse, em 1989, com o compromisso de manter viva o que chama de tradição para seus netos — receber o sonho, como o leito do rio recebe a água.

²⁵⁶ Ver: SCHWARCZ, Lilia. Maiorias minorizadas. In: SILVA FILHO, Waldomiro J. (Org.). *Tolerância intolerante* (Lilia Schwarcz) / *De mal a pior* (Ailton Krenak). 2. Ed. Salvador: EDUFBA, 2021.

Foi com um Pajé²⁵⁷ — cujo nome não menciona — que Krenak passou a experienciar o sonho e sua concretude com o cotidiano — que se tornou, para ele, uma instituição — de modo a entender que ambos (sonho e dia a dia) não se dissociam:

Na época eu ouvia os velhos como um espectador. Até que comecei a ter os mesmos sonhos premonitórios ao olhar as estradas, os tratores e as motosserras chegando; o barulho delas derrubando as grandes árvores, a revolta dos rios. Passei a ouvir os rios falando, ora com raiva, ora ofendidos. Nós acabamos nos constituindo como um terminal nervoso do que chamam de natureza. E a ciência daquele pajé, alertando toda uma geração que hoje está com cinquenta, sessenta anos de que seu território ficaria devastado e sem caça, se cumpriu de maneira absolutamente correta. O agronegócio invadiu o cerrado, o Xingu virou uma pizza. Uma pizza não, uma empadinha cercada de soja por todos os lados, com tratores cortando tudo (KRENAK, 2020, p. 20).

A acentuação cultural do sonho não só tem a ver, para Krenak, com a previsão de algo que ele deva ou não fazer no dia seguinte, mas se destaca pela coletividade na intimidade, isto é, entre os Krenak se conta o sonho a alguém que se avizinha ao cotidiano do sonhador; e eles procuram não andar sozinhos, de modo que esse caminhar é um ato “em constelação” (KRENAK, 2020, p. 21).

Ao tempo em que estamos abordando a potência do sonho e a importância deste para os Krenak, sob a ótica de um deles, Ailton Krenak, nós também estamos buscando meios de informar propostas de adia-los — o sonho e os sonhos — e acreditamos e defendemos que a pesquisa e, especialmente, o *escutar* são dois exercícios primazes para a realização desse intuito.

Em relação à história oral, contamos com Paul Thompson (1972), que diz ser ela “a arte da escuta”. Já o italiano Alessandro Portelli (2010) considera que não damos voz às pessoas — isso elas já têm —, mas que precisamos ouvi-las e, se os sonhos são compartilháveis, que os ouçamos, das vozes humanas, sejam elas de pessoas ou de outras entidades da natureza.

No sentido que se pode empregar as sugestões acima, Krenak escuta e atualiza de forma contundente seu olhar sobre os seres que povoam os muitos mundos existentes, e entre os sonhos a pandemia que eclodiu em Wuhan, na China, não ficou despercebida. A pretexto disso, podemos entender que a existência e disseminação/transmissão do vírus SARS-CoV-2 (vulga Covid-19) tentou, e em alguns conseguiu, destruir sonhos e expectativas.

²⁵⁷ Conta-nos Karen Shihatori que os Tupinambá sempre consultavam seus pajés antes de saírem à guerra e que ficassem atentos aos sonhos que tivessem. Se a carne dos inimigos fosse assada, nos sonhos, isso lhes indicaria vitória. Do contrário, se as deles aparecessem assadas, eles que não lograriam êxito (SHIHATORI, 2022).

Mas Ailton Krenak, ainda no que tange ao sonhar para adiar o fim, não se descuidou de tematizar esta que chacinou milhões de pessoas no planeta e mostrou, às claras, ao menos para quem quis e conseguiu entender, que não somos nós [homens] que estamos “com a bola toda” e que não se atentar aos sinais de uma relação desarmônica com o planeta é algo leviano.

Diz Krenak sobre a proposta de reverter esse quadro (planeta versus homens):

Mas, se enxergarmos que estamos passando por uma transformação, precisaremos admitir que nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. Nós podemos habitar este planeta, mas deverá ser de outro jeito. Senão, seria como se alguém quisesse ir ao pico do Himalaia, mas pretendesse levar junto sua casa, a geladeira, o cachorro, o papagaio, a bicicleta. Com uma bagagem dessas ele nunca vai chegar. Vamos ter que nos reconfigurar radicalmente para estarmos aqui (KRENAK, 2020, p. 23-24).

O planeta não espera que arrumemos nossas malas. Mas nos dá a chance de sobreviver. É como se, noutra comparação, num deslizamento de terra em um morro, depois de um temporal, antes de preocuparmo-nos com nossa sobrevivência, estivéssemos usando o escasso tempo que temos para organizar malas, guarda-roupa, cadeiras, móveis em geral. Decerto que o sonho, sozinho, não dará a subsistência que o mundo neoliberal exige, mas ele pode, sim, ser uma subversão do ter sobre o ser. Ser é o que importa e a forma como se relaciona com os outros mundos possíveis. Essa é uma lição que Krenak insiste, com vigor, em ensinar.

Pensando, nesse sentido, em sonhos e ameríndios nas terras baixas da América do Sul, teoricamente, há todo um arsenal que se endereça à postulação de mundos constituídos, espaços fora do espaço e curso do que é sonhado que se reflete na vigília.

Em “Notas cromáticas sobre sonhos ameríndios: transformações da pessoa e perspectivas” (2016), João Jackson Bezerra Viana lança luz sobre o cerne do sonho, e do sonhar, para a etnologia. De acordo com Viana (2016, p. 266): “Os sonhos estão em associação às experiências do devir-outro, podendo produzir, quando descontrolados, efeitos deletérios, como doenças e, no limite, mortes”. O autor, por outro lado, é assertivo em dizer que: “Contudo, quando controlados, são realizadas curas e ações xamânicas performadas por especialistas” (VIANA, 2016, p. 266). Dois conceitos são trabalhados por Viana, o de cromatismo, a partir de Claude Lévi-Strauss, e o de perspectivismo, mediante os estudos de Lima (2005) e Eduardo Viveiros de Castro (1996).

O olhar deste autor ainda converge, amparado por um arcabouço teórico por ele citado (a título de exemplo: Viveiros de Castro (1996), Karen Shihatori (2013), Aparecida Vilaça (1992)), com o perspectivismo à medida que, para chegar ao que discute como alteração, que não é algo dado, uma

vez que o dado é a alteridade (apud VIVEIROS DE CASTRO, 2001, p. 17), para ele, é interessante a *relação* entre sonho e perspectivismo, uma vez compreendida a teoria indígena perspectivista de que todos os seres são humanos ou, como refere o autor, “(...) potencialmente constituídos por uma condição humana, traduzível em alma” (VIANA, 2016, p. 268).

Para que unamos esta reflexão às demais, fica categórico como Viana pensa a relação entre sonho e perspectivismo, tendo em vista a amplitude que envolve corpo, tempo e espaço em um mesmo lugar. Mesmo assim: “Os sonhos, entre outras alterações, aproveitam-se da permeabilidade entre esses mundos [informados pelo corpo] e tornam essas relações possíveis e concretas para as pessoas” (VIANA, 2016, p. 268).

Uma relação que envolve tempo e narrativa na vida onírica é pensada pela antropóloga Karen Shihatori (2022). A autora, admitindo a possibilidade de pensar o sonho sem o uso do repertório conceitual psicanalítico, analisa-o primando por perceber não o que se traceja do passado (e aí incluíse o desejo), mas sim como uma atividade mental que tem a ver com o curso da vida e, portanto, em um tempo reversível. O que é virtual, desse modo, pode sofrer alterações.

Nesse sentido, Shihatori (2022, p. 02) rejeita a ideia, pela onirocrítica, de um sonho que serve de parâmetro de uma fatalidade ou de um presságio, tendo em vista a noção de tempo reversível. Fica claro, portanto, que o sonho, ao ver da autora, não se configura como uma ação premonitória tão somente, mas é entendido como um acontecimento que tem suas reverberações concretas na vigília dos sonhadores.

“Sonhos mudos”, interpretáveis ou acontecementais? Um breve olhar a partir da história, da psicanálise e da etnopsiquiatria

Ailton Krenak está atento, não obstante, a uma temática que se relaciona às tentativas de supressão da tradição do sonho e da sua subsistência, embora seja importante considerar que ele (o sonho) não foi esfacelado entre seu povo na tentativa de aculturação branca.

O passado colonial, que ainda se presentifica, no qual os povos indígenas foram tratados como não sujeitos, desprovidos de historicidade — a famigerada ideia de povo “sem fé, sem rei, sem lei”²⁵⁸

²⁵⁸ Uma classificação designada, com maior ênfase, aos Tapuya (inimigo, em Tupi, dos Guarani), segundo André Drago. Vide: DRAGO, André. **Formas políticas ameríndias: etnologia jê**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 2012.

—, ou ainda como peças domesticáveis, passíveis — ao menos os Tupi em contraposição aos Tapuia, tidos como “arredios” —, ainda se reflete na forma como se compõem alguns estudos sobre sociedades indígenas na área de História, tanto no ensino básico como em algumas universidades brasileiras, especialmente no trato do sonho como atividade vital e fundante, e não mera expressão de desejo ou augúrio.

A negação da existência de particularidades entre as comunidades indígenas que existem no Brasil, os sonhos e as teorias vindouras acerca destes também foram afetados pelo olhar colonial (CUNHA, 1992), isto é, adiadas, de modo que equacionar história, antropologia, etnologia ameríndia, hoje, é uma forma eficaz de criar pontes e soterrar abismos, de onde é difícil conversar, segundo Krenak, que completa: “(...) temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência” (KRENAK, 2020, p. 109).

E este sobreviver não só diz respeito à vida, mas tudo que nela se inclui, especialmente o adiamento dos sonhos. Interessante sublinhar, e que se associa a essa reflexão que irá se amalgamar a postulados de Charlotte Beradt e Walter Benjamim, o que Krenak escreve em torno da ação dos humanos nos últimos séculos diante da crença de superioridade que estes julgaram — grande parte — serem donos. Diz o intelectual indígena:

É mais ou menos o seguinte: se acreditamos que quem apita nesse organismo maravilhoso que é a Terra são os tais humanos, acabamos incorrendo no grave erro de achar que existe uma qualidade humana especial. Ora, se essa qualidade existisse, nós não estaríamos hoje discutindo a indiferença de algumas pessoas em relação à morte e à destruição da base da vida no planeta. Destruir a floresta, o rio, destruir as paisagens, assim como ignorar a morte das pessoas, mostra que não há parâmetro de qualidade nenhum na humanidade, que isso não passa de uma construção histórica não confirmada pela realidade. O século XX, com todas as suas guerras, demonstra bem isso (KRENAK, 2020, p. 21).

Talvez por isso, mas já com uma centelha de assertividade, os indígenas tenham tanto a nos ensinar, mas com uma espécie de humanidade vigorosa (aqui se pode pensar na não ignorância em relação à morte do outro, à população dos rios, a devastação das florestas) que, ao se agasalhar na Natureza, se inscreve culturalmente nesse mesmo seio e fala nele, por ele e com ele.

A força do sonho que subsiste entre os ameríndios é concreta, não só pela resistência que eles encorpam e endossam, mas pelas reflexões que deles são produzidas e que ajudam, inclusive, na elaboração, até, de novas religiões — como é o caso do *Arevuia*, entre os Ingarinkó, estudados por Maria Virgínia Ramos Amaral (2019), que não fundam uma religião sincrética — elementos da cultura

judaico-cristã e da nativa —, mas que antes produzem uma reflexão própria sobre seu viver religioso a partir dos contatos interculturais com o cristianismo.

Dito isto, e reconhecida a pluralidade com que nos deparamos ao tratar dos sonhos, no que concerne à história, cabe uma menção ao livro de Charlotte Beradt, *Sonhos no Terceiro Reich*²⁵⁹ que, se bem analisarmos, conflui com algumas reflexões escritas pelo filósofo Walter Benjamin, em “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”²⁶⁰, quando os sonhos e as atitudes, respectivamente, são analisadas sob o prisma de uma reorientação circunstancial, do silêncio ou do silenciamento, e até da própria descaracterização ou recaracterização que um sonho é capaz de legar.

O caso que Beradt comenta sobre o senhor S. e seu desencontro consigo não somente como líder, mas como pessoa, data de uma época que a narração, de forma literal, foi abalada, e há uma razão para tal: os horrores tanto da Primeira (da qual Benjamin diz que os sobreviventes/soldados voltaram mudos) como da Segunda Guerra Mundial, palco de sonhos descritos por Beradt. Aqui os mencionamos para salientar que o sonho é, também, histórico, bem como a forma de se o receber, de se reconhecer ou não no que se sonha; histórico no sentido de o que se fará diante do sonho: emudecer-se, recalcar o sonhado ou compartilhá-lo? São questões tão vivas quanto a necessidade de continuar sonhando e a de procrastinar o seu “fim”.

Por outro lado, no campo de ensaio da proposta de origem da psicanálise, em *A interpretação dos sonhos*, Sigmund Freud instituiu uma proposta sobre o estudo dos sonhos (uma ciência dos sonhos tal como, depois, Claude Lévi-Strauss pretendia uma ciência dos mitos).

Freud, por considerar que eles, os sonhos, têm sentido, defende a possibilidade, portanto, de serem interpretados. Assim, o sonho é averiguado com base psíquica, e não orgânica. Dada a época, na obra ainda não encontramos as possibilidades — ou ao menos a viabilidade, quiçá o interesse — do médico em observar teorias indígenas a respeito tanto do sonho como das formas de sonhar. Isso é importante que seja esclarecido.

Em grande medida, o olhar do médico se concentra no que o sonho demonstra a respeito do passado do *suenante*, e não do seu exato presente, do seu futuro ou da delimitação de outros mitos e formas existenciais no tempo reversível, conforme lembra Karen Shihatori: nem necessariamente a ver

²⁵⁹ BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

²⁶⁰ BENJAMIM, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

com o passado, nem tampouco com o futuro, mas com o tempo em curso. Dito isto, pensar sonho entre os Krenak é também desvencilhar-se da tese psicanalítica e mergulhar no cerne do sonho como acontecimento, como fio que conduz toda uma história em que se inscreve o Krenak sonhador.

Ainda nessa linha de sentido, uma outra proposta de interpretação dos sonhos — que não é entendida como explicação — é feita pelo psicanalista Tobie Nathan, que inaugura o que podemos chamar de etnopsiquiatria. Ao reconhecer que a psicanálise tem limites, o pesquisador francês elenca alguns dos itens que julga basilares para a veia interpretativa que considera importante no que concerne aos sonhos, a saber: o sonho é uma atividade mental; o sonho exige que tomemos uma atitude; é preciso haver a inserção de outras terapias (terapêuticas) — e aí incluem-se os xamãs — do mundo, trazidas ao universo do paciente.

Interessa-nos reconhecer, para fins desse texto, a abertura a que Nathan se articula. O funcionamento da etnopsiquiatria: uma espécie, se assim o pudermos classificar, de aliança na materialidade (humanos e não humanos), em sessões coletivas que envolveriam diretamente o/a paciente, no almejo de pensar não o que o sonho *é*, mas o que o sonho *faz*.

Nesse sentido, não caberia apenas proceder, e nem procede, o seguimento à risca de uma análise dos sonhos meramente psicanalítica, como já dissemos e que conflui com o que diz Shihatori (2022), essencialmente clínica, no rateio das ciências médicas, mas sim com a interpenetração de sessões/elementos outros nos quais se encontram elementos próprios do contexto e língua dos pacientes, entendida a singularidade do sonho, da pessoa e do contexto em que ela vive.

Não se trata, aqui, de descartar ou desconsiderar as contribuições da psicanálise, mas de entender que, se entre comunidades indígenas existem outras formas de enxergar o sonho e seus efeitos, outras teorias concernentes a estes mesmos povos se faz consistente e imprescindível.

Como Nathan, acreditamos na ideia de “usuários do sonho”, e justificamos a presença da ideia do autor, em nosso texto, em vista da abordagem do sonho como elementar, independentemente da época ou lugar em que se sonha. É interessante, pois, a forma como Nathan sistematiza a ideia que, ao tempo em que personaliza o sonho, também — a pretexto da comparação a uma oração — acredita na força coletiva que ele aduz. E a expressão “usuário dos sonhos” é conferida àquele que usa da força do que ele assinala como oculto para enriquecer sua existência (NATHAN, 2012, p. 13).

O sonhar, embora, ao ver de Nathan, seja uma atividade mental comum, como ele mesmo expressa: “o sonho é um acontecimento comum e em grande parte coletivo (...), é também um

acontecimento singular: ninguém pode sonhar por mim (...)" (NATHAN, 2012, p. 13). Sonhar presume, portanto, a fabricação de modos de viver e de agir. Assim, conseguimos ensaiar uma análise no sentido de entender o sonho como um acontecimento que edifica a existência — sintoma fundamental da vida onírica ameríndia.

“Vamos ter que produzir outros sonhos”: considerações finais

Um caminho não muito íngreme para continuar a contar mais uma história — seja ela revelada em sonho para um xamã ou verbalizada entre uma comunidade indígena — ainda é a *escuta*. A escuta, de fato, e não somente o ouvir. Corremos o risco de tão logo esquecermos do que nos foi confiado em dicção, e o fim do mundo (da floresta, dos rios, da potência de sonhar — aspectos fortes entre os Yanomami) continuarão ameaçados por um colonialismo que não se emprega apenas no *poder*, mas no *saber*.²⁶¹ Se eu posso contar mais um sonho e, principalmente, escutar mais um sonho²⁶² eu também poderei adiar o fim da minha existência e das existências de seres outros que querem se comunicar.

Sidarta Ribeiro, aludindo ao fato de termos tantos saberes à nossa disposição — coletando o que há de melhor nos mesmos —, diz-nos que é preciso que honremos nossos ancestrais e que há saída, a despeito de um capitalismo, casado com a ciência, que abraçou a técnica e mitigou a potência das viagens ocasionadas pelo sonho — enlace este que gerou tanto frutos bons como ruins, por, ao passo em que enriqueceu monetariamente os cofres de alguns, empobreceu possibilidades de encontrar, na própria Natureza biológica de tantos seres, a magnitude da vida desde sua emergência.

Com Ailton Krenak, não sucede o oposto. Suas ideias para adiar o fim do mundo, do caos, desde quando pensa o processo de colonização brasileira até as consequências nefandas da Covid-19, alertam para a vicejante potencialidade que os seres da natureza têm para nos dizer, a contrapelo, que “nós [homens] não estamos com nada”, que há humanidade onde sequer cogitamos haver e que é possível salvar o planeta, e aí incluímos os sonhos, de uma predação infrene e deletéria, que delonga, perigosamente, a entender que não comemos dinheiro (KRENAK, 2020).

261 Vide: QUIJANO, Anibal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. pp. 117-142.

Por outro lado, seu olhar é, ainda, o de desejo de uma pactuação por um bem geral. E isso é deveras salutar pelo reconhecimento de que, sem harmonia com a natureza e os seres que nela habitam, incluindo brancos, quilombolas, indígenas, entre outras categorias, ficaremos à mercê de eternos encontros — o eufemismo envergonhado (alcunha de Manuela Carneiro da Cunha para a expressão “encontro”).

Enquanto estivermos — e aí podemos incluir pesquisadores da antropologia, da etnologia, da história — produzindo a partir do que comunidades indígenas e agentes delas quiserem nos contar, reflexões sobre os sonhos, estaremos em consonância com mundos que, embora muitas vezes não sejam nossos, estão a nós, de alguma forma, concatenados.

Diríamos mais: que essas produções não se restrinjam aos pares (historiadores, antropólogos e etnólogos). Se apeteçemos mesmo que os sonhos nos ajudem a adiar o fim do mundo, precisamos saltar os muros universitários e fazer com que essas reflexões alcancem um público mais amplo do que aquele que já alcança, e uma proposta tentadora é a de inclusão destas nos currículos-base, da educação básica, das escolas públicas e particulares do Brasil.

Há todo um país a ser redescoberto. Nesse cobertor, muitos brancos cobriram a possibilidade de investigar os sonhos, e a responsabilidade que temos, hoje, de não deixá-los encobertos (os que os povos permitem revelar) é árdua e contínua, mas não impossível, tanto que durante esse ensaio encontramos partes de um arsenal de escritos de Ailton Krenak, Hanna Limulja, Davi Kopenawa, Karen Shihatori, além de tantos outros que já produziram e que estão produzindo sobre os sonhos e sonhos ameríndios e suas particularidades, em monografias, dissertações e teses.

Nos próximos sonhos que tivermos, e que os ameríndios tiverem, ao ver de Krenak, serão necessárias providências que urgem atenção para uma epistemologia do Sul, um elo com um Pindorama profundo.

Por fim, é preciso que, face a estes novos ou outros sonhos, possamos escutá-los, percebendo não especialmente o que são, mas o que fazem, e entender que a natureza e os seres que a povoam são sábios o suficiente para construir vida em múltiplas dimensões, mas a mais importante delas: a vivência em detrimento de uma mera sobrevivência.

Se eu sonho, tu sonhas, nós sonhamos, não custa muito aprender com os sonhos dos outros, e da outridade indígena, que se confunde, em muitos momentos, conosco mesmos que fazemos parte de territórios que discrepam em fatores enésimos, mas que, por um momento, pela ciência, podem

convergir por um propósito maior e mais bem delineado: sonhar ainda é uma forma de adiar o fim do mundo. Aliás, de adiar o nosso fim, que não deixa de ser o do planeta também.

Referências

- ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AMARAL, Maria Virgínia Ramos. **Os Ingarikó e o Areruia**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2019.
- BUCCI, Eugênio & FREIRE, Alípio. **Ailton Krenak – Receber sonhos**. Teoria & Debate. 7. ed. 1989.
- CARVALHO, Rômulo Rossy Leal; SANTOS, Nádia Narcisa de Brito. “Por uma renovação no ensino de história indígena: reflexões e apontamentos”. In: CARVALHO, Rômulo Rossy Leal; CASTRO, Ana Paula Cantelli; SANTOS, Nádia Narcisa de Brito. **Histórias do Brasil: caminhos didáticos para abordagens históricas**. São Carlos-SP: Editora Pedro & João, 2021.
- CARVALHO, Rômulo Rossy Leal; SILVA, Rafael Ricarte da. Um quase eterno reencontro: Ailton Krenak e a Assembleia Nacional Constituinte (1987). In: **Espacialidades**, v. 15, pp. 227-245, 2019.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Debate entre Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro: “Sonhos para adiar o fim do mundo”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw&ab_channel=Companhiada
- DRAGO, André. **Formas políticas ameríndias: etnologia jê**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 2012.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras: [1900] 2019.
- GLOWCZEWSKI, Barbara. **Devires totêmicos: cosmopolítica do sonho**. São Paulo: Edições N-1, 2015.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. “Pensando com a cabeça na terra”. **Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, 16 a 19 de maio de 2017, ISSN: 2358-5684. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/2641/2385> Acesso em: 12/01/2023.
- LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: etnografia dos sonhos yanomami**. São Paulo: Ed. Ubu, 2022.
- MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e indigenismo**. Tese apresentada para o Concurso de Livre Docência, Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001. 233p.

NATHAN, Tobie. **La nouvelle interprétation des rêves**. [Versão em espanhol: *La nueva interpretación del sueños*] Paris: Odile Jacob, 2011.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUIJANO, Anibal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. pp. 117-142.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Da importância de pesquisarmos história dos povos indígenas nas universidades públicas e de a ensinarmos no ensino fundamental e médio”. **Mneme – Revista de Humanidades, Caicó**, v. 15, n. 35, 2014. pp. 9-20.

SCWARCZ, Lilia. Maiorias minorizadas. In: SILVA FILHO, Waldomiro J. (Org.). **Tolerância intolerante** (Lilia Schwarcz) / **De mal a pior** (Ailton Krenak). 2. Ed. Salvador: EDUFBA, 2021.

SHIHATORI, Karen. “Tempo e evento na onirocrítica ameríndia: um balanço bibliográfico”. **Revista de Antropologia**, v. 65, n.3, 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TSEREHAWU, Divino. *Wai’a Rini: o poder do sonho*. Vídeo nas Aldeias (2001).

VIANNA, João. “Notas cromáticas sobre os sonhos ameríndios: transformações da Pessoa e perspectiva”. **Revista de Antropologia**, v. 59, n. 3, 2016.